



Gabriel Gondim registrou a construção de Brasília, comprou diversos objetos que lembram a epopéia e morreu sem realizar o seu sonho: tornar público o acervo que está guardado num quarto de apartamento

Fotógrafo pioneiro morre sem mostrar a sua obra

VÂNIA RODRIGUES

Preservar cada detalhe da história de Brasília, desde a sua concepção até os anos 90, sempre foi o objetivo e a paixão do fotógrafo cearense João Gabriel Gondim, candango de coração que chegou à cidade em 1959 e, desde então, começou a registrar com sua lente, por conta própria, a construção da Nova Capital. Gondim não se limitou à arte de fotografar o surgimento da cidade. Como colecionador e afisionado por Brasília, ele guardou tudo que se relacionava com a capital. O "garimpeiro da memória de Brasília", como era conhecido, morreu há uma semana, sem realizar o seu maior sonho: tornar pública a história da cidade com os ricos detalhes que colheu ao longo de 33 anos.

O acervo de Gondim, que continua guardado em um quarto do apartamento da família, revela um rico e vasto material sobre Brasília. São fotos, cópia de documentos, documentos originais, todos os selos alusivos ao DF, livros raros sobre a cidade, o discurso de todos os presidentes que assumiram já na Nova Capital, o original do relatório da Missão Cruls, o primeiro livro escrito na cidade, coleção completa dos livros da Novacap, todos os catálogos telefônicos e cinco mil slides sobre a evolução de Brasília

de 1892 — quando falaram pela primeira-vez, na transferência da Capital — até 1978.

Detalhes — Gondim guardou também detalhes curiosos que fazem parte da história de Brasília. No seu acervo tem, por exemplo, tudo que foi distribuído para as pessoas que presenciaram a inauguração da Nova Capital. São relógios suíços banhados a ouro, com a efígie de Juscelino Kubitschek, dado às autoridades estrangeiras, medalha de ouro maciça também com a efígie de JK, presenteada a autoridades brasileiras e chaveiros, flâmulas, postais e até caixa de fósforos distribuídas entre os demais presentes, principalmente para os candangos que construíram Brasília.

Apaixonado por tudo que diz respeito à cidade, Gondim guardou também fotos e fitas cassetes com entrevistas com os primeiros da cidade. Primeiro médico, primeira cozinheira, primeiro bebê registrado no DF, primeiro bebê nascido no DF. O fotógrafo tem até mesmo as poeiras engarrafadas que eram vendidas na época da construção. Como curiosidade, Gondim guardou todos os convites oficiais para as solenidades ocorridas no início de Brasília, além de suas credenciais para cobrir os eventos oficiais. É também no acervo de Gondim que está guardado as alças do caixão do

JK, as correntes que ajudou a descer a urna e até mesmo a pá usada pelo coveiro no sepultamento.

Egoísmo — Certa vez Gondim admitiu que era egoísta dizer que tinha todo esse acervo só para a sua família. Ele afirmou que gostaria de dividi-lo com outras pessoas e, principalmente, que depois dele outras pessoas dessem continuidade à missão de preservar e guardar a história de Brasília. Gondim explicou que não doava o acervo porque não achava justo. O fotógrafo justificava que nunca recebeu apoio ou ajuda do Governo para a sua missão de garimpar a história. "Ele usava o seu próprio salário para comprar os objetos que encontrava sobre Brasília. Ele nunca mediu esforços ou economizou para reunir os fragmentos da história da Nova Capital", ressalta Gabriel Gondim Filho, que pretende realizar o sonho do pai conseguindo vender o acervo ao GDF ou a empresas privadas do DF.

Em vida, Gondim, fez de tudo para vender o acervo. Gabriel Gondim Filho mostrou cópias de ofícios da tentativa de comercialização com o GDF, Memorial JK, Adolfo Bloch, Bradesco, Bancos Central do Brasil, de Brasília e Caixa Econômica, Fundação Roberto Marinho, Ministério da Cultura, Instituto Nacional do Livro, Senado Federal, e Universidade de Brasília.